

# O DESAFIO DO REGIONAL-UNIVERSAL EM A HORA E VEZ DE AUGUSTO

## MATRAGA

NOBRE, Cristiane Melo

**Orientadora:** TOMÁS, Maria Edinete

Universidade Estadual Vale do Acaraú-UVA

### RESUMO

No cenário brasileiro, poucas são as experiências literárias felizes envolvendo universalismo e regionalismo. Uma dessas experiências, segundo a crítica literária, é a produção artística de Guimarães Rosa, razão pela qual se escolhe o conto *A hora e vez de Augusto Matraga*, com o intuito de mostrar através da pesquisa bibliográfica, como o universal se faz presente no regional. Para tal intento, autores como Coutinho (2005), Picchio (1997) e Vicentini (2007) dão suporte teórico a este trabalho de cunho analítico.

**PALAVRAS-CHAVE:** Literatura. Universalismo. Regionalismo. Guimarães Rosa.

### 1 INTRODUÇÃO

No presente artigo é feita uma análise do conto *A hora e vez de Augusto Matraga* da obra **Sagarana**, de Guimarães Rosa, pelo viés do Regionalismo, ao qual o autor atribui perspectiva universal. Isso se dá porque Guimarães tece sua obra com o resgate de histórias populares advindas do sertão mineiro, correlacionando-as com a apreensão do destino humano na relação com o natural onipresente do sertão.

O objetivo desse estudo, pois, é comentar como o autor dar cabo desse desafio. Para tanto, busca-se identificar como o universal imbrica-se no regional e se expressa na amostra literária em foco através da personagem Augusto Matraga.

O método usado neste trabalho é a pesquisa teórico-bibliográfica, com destaque para o pensamento de Hegel (1997).

Com esse estudo, espera-se contribuir para um maior conhecimento e compreensão sobre universalismo e regionalismo, ressaltando seus traços presentes em **Sagarana** e a sua relevância como uma das mais importantes obras da contemporaneidade brasileira.

## 2 REGIONALISMO E UNIVERSALISMO NO CONTO A HORA E VEZ DE AUGUSTO MATRAGA

### 2.1 Do Regional ao Universal

O conto *A hora e vez de Augusto Matraga* é parte da obra **Sagarana**, situada na terceira fase do Modernismo brasileiro, momento esse que, para Silva (2008, p.14), “[...] atesta a maturidade a que chegou a narrativa ficcional brasileira após a década de 30.”

O regionalismo explorado pela Geração de 30 foi retomado principalmente por

Guimarães Rosa, que nele imprimiu aspectos universais, cósmicos, míticos e poéticos.

Sobre o caráter da universalidade na literatura, adianta Gonçalves (2009, p.21):

Ao falar de literatura, utilizando a noção de "universal", não podemos negar o reconhecimento, cada vez mais evidente, da diversidade cultural do mundo. Então, reflectir (*sic*) sobre o carácter universal de uma obra literária significa abrir fronteiras, ir ao encontro do outro; implica entender diferentes sistemas literários, sem nos perdermos ou anularmos; reencontrarmo-nos com a tradição e as vanguardas; perceber o presente sem desprezarmos o passado seja esse espacialmente localizado [...].

Na perspectiva da autora, como se acha acima referido, o regional não se opõe ao universal, posto que um bem pode conviver pacificamente com o outro na composição do todo que compõe o texto. Em outras palavras, um ponto único ou uma característica específica não seria suficiente para definir a natureza de um texto, porquanto a capacidade deste poder apresentar-se com caracteres definidores tanto do que é regional, quanto do que é universal.

O regionalismo literário de Guimarães Rosa manifesta-se em todos os planos da narrativa, sendo mais expressivo nos aspectos geopolíticos, culturais e físicos. Por se ambientarem no sertão mineiro, cenário, personagens, temáticas e perspectiva de abordagem das narrativas roseanas bem refletem as especificidades do espaço recriado. Contudo, é no seu estilo particular de trabalhar esses aspectos que o regionalismo desse ficcionista consegue a sua transcendência e chega ao plano da universalidade. Em outras palavras, em Rosa, o universal se realiza no particular, supera-se como abstração na concretude deste e permite a este superar-se como concreto na generalidade daquele. “Desse modo, as ‘peculiaridades regionais’ alcançam uma existência que transcende”. (CHIAPPINI, 1995, p.6).

Na perspectiva de Candido (1972), a preferência de Guimarães Rosa por aspectos sertanistas transcende ao critério regional, em face da condensação do material observado naquilo que é mais genuíno, essencial: “a terra”. “O beco se transfigurará no belo e o belo se exprimirá no beco”. (CHIAPPINI, 1995, p.5)

Conhecedor profundo das potencialidades da língua e da linguagem, Rosa revela-se também hábil artesão ao manipulá-las artesanalmente para alcançar efeitos dantes ainda inexplorados e conformá-las com o ambiente sociocultural e geofísico de suas narrativas. Conforme Picchio (1997, p.606),

O hábitat das histórias de Guimarães Rosa é o “sertão” de Minas: fabuloso planalto do Brasil Profundo, deserto-brejo-floresta dos Campos Gerais, pasto e pedra reverdecida por repentinas palmeiras gigantes (o leque do buriti de Afonso Arinos,

árvore sagrada dos Gerais), percurso no emaranhado de suas veredas e dos beatos e bandidos, povoados de bandos e homens transitórios e paradigmáticos, únicos e intercambiáveis. E são esses homens que se contando, propondo a sua história individual como *exemplum*, criam os contos; o qual nasce, então quase sempre nas formas da oralidade.

A retomada do regionalismo na condição de ápice, também mencionada por Candido (1972), se refere ao conceito de contista-contador que busca retratar a “verdade” na descrição e na narração. Ainda sob essa perspectiva, pode-se dizer no que se refere à região, que esta não era considerada apenas como um cenário da história com papel pitoresco e anedótico, passando também a ser considerada como personagem, tanto no que diz respeito aos seus elementos, como à persistência e à profundidade que invocam a fauna, a flora, a forma e o relevo. A estes é dado papel determinante de modo que chegam a interferir diretamente nos acontecimentos, como pode ser verificado na passagem:

Apareceu uma gia na horta e perecas dentro de casa, pelas paredes... E os escorpiões e as minhocas pulavam no terreiro, perseguidos pela correição dos lava-pés, em préstitos atarefados e cumpridos... No céu sul, houve nuvens maiores, mais escuras. Aí, o peixe frito pegou a cantar de noite. A casca da lua, de bico para baixo, “despejando”... Um vento frio, no fim do calor do dia... Na orilha do atoleiro, a saracura fêmea gritou, pedindo três potes, três potes, três potes para apanhar água... Choveu. (ROSA,1999, p.329).

A citação acima bem ilustra o que levou Vicentini (2007) a cunhar o conceito de universo localístico em literatura. Para a autora, nas narrativas roseanas, cenário é lugar, decoração, pintura, paisagem, flora e fauna; bem como “[...] cena, lugar onde acontece as ações praticada pela rede dos personagens, lugar de onde se fala, componente concreto da percepção do tempo abstrato [...]” (VICENTINI, 2007, p.4)

O sertão foi retratado fielmente nas narrativas roseanas, através de estórias, por sinal, muitas vezes, próximas das fábulas orais. Acerca desse assunto, Silva (2008, p.15) coloca:

Rosa prefere tematizar as “coisas do sertão” mais precisamente recriar o sertão das Minas Gerais e adjacências, sua gente, sua cultura. Em face dessa realidade opta por focar as pessoas simples do cotidiano, geralmente entregues a labuta com a terra, ao gado ou mesmo com as questões sociais, como eram os jagunços.

Com sua maneira particular de escrever, Guimarães Rosa procurou utilizar e retratar elementos dos quais ele estava próximo e que fizeram parte do seu convívio, embora por tempo restrito, o que de certa forma “facilitou” a produção literária desenvolvida pelo autor. A linguagem utilizada na obra apresenta-se através da mesclagem de tipismos mineiros,

eruditismos e arcaísmos, o que traz como consequência para a literatura regionalista brasileira uma estrutura renovadora/inovadora, a qual se representa através da especificidade e conhecimento aguçado do ser humano.

Por outro lado, a transcendência de planos do particular para o geral ocorre também por meio de outros recursos, como bem adianta Chiappini (1995, p.5): “[...] é o seu espaço histórico-geográfico, entranhado e vivenciado pela consciência das personagens, que permite concretizar o universal”.

## **2.2 A Dialética existencial do (ser) sertanejo em Augusto Matraga**

O homem é um ser dialético, questionador, reflexivo, especialmente em face daquilo que o intriga, como a vida e a morte, o destino do ser e o livre arbítrio. A experiência, a vivência, é o próprio existir humano e é este a vida, que nos permite perceber o sentido das coisas (MERLEAU-PONTY, 1999).

A arte é um fazer humano e como tal reflete o criador e a criatura, e o podendo fazer tanto numa perspectiva temporal, quanto atemporal, individual ou universal, embora jamais dê conta de toda a complexidade que envolve o homem e sua realidade.

O ser humano sempre se debateu acerca de determinados fatos da existência, que para ele representavam incógnitas como o sentido da vida, a contingência irremediável da morte, o mistério do pós-morte, caracterizando o que posteriormente seria conceituado como dialética existencial. Isto posto, refere-se a questionamentos universais, independente de qual região ou país o indivíduo possa se encontrar.

No conto destacam-se a antagonização do sujeito, as condições que fazem o homem emergir *in totum*, a transcendência da realidade, a dialética psicológica e moral e a envergadura sobre a eterna dualidade humana, aspectos estes, que no conto aparece através das diversas oscilações presentes nas atitudes de Augusto Matraga.

Augusto Esteves, Nhô Augusto, Augusto Matraga, trilogia de nomes do personagem protagonista do conto, como é caracterizado nas construções modernas, é representada a partir das mudanças no perfil psicológico, que é simbolizado na ressignificação através da travessia, da busca de um destino, que por ventura, fora buscado e construído, no encontro com o sagrado e no desfrutar do mundano-sua hora e sua vez. MATRAGA NÃO É MATRAGA, não é nada.

Pode-se dizer que o ser – no – mundo não funda os significados em nenhum valor ou essência prévios, ou seja, por detrás das significações construídas, o que há é o nada (CRITELLI, 2006). Tal constatação na visão heideggeriana produz no ser a angústia, o

desespero ou a náusea: “Matraga é Esteves, filho do Coronel Afonso Esteves, das Pindaíbas e do Saco-da-Embira. Ou Nhô Augusto - o homem” (ROSA, 1999, p.341). Homem este, que na obra é apresentado como alguém cruel capaz de matar sem o mínimo de remorso, que não se importa com ninguém, nem mesmo com sua família. É visto sempre sob a nomenclatura de cruel, “respeitado” pelo temor de suas possíveis ações, como pode ser percebido na citação de Rosa (1999):

[...] conhecia e temia os repentes de Nhô Augusto. Duro, doido e sem detença, como um bicho grande do mato. E, em casa, sempre fechado em si. Nem com a menina se importava. Dela, Dionóra, gostava, às vezes, de suas carnes. Só. No mais, sempre com os capangas, com mulheres perdidas, com o que houvesse de pior (op cit, p. 346).

[...] nunca respeitou filha dos outros nem mulher casada, e mais que é que nem cobra má, que quem vê tem de matar por obrigação (idem, p. 350).

Eu já fiz zápede, já fiz fama em um dia em que enfrentei uns dez, fazendo todo-mundo correr... Desarmeí e dei pancada, no Sergipão Congo, mãe Quitéria, que era mão que desce, mesmo monstro matador!...E a briga com a família inteira, pai, irmão, tio, da moça que eu tirei de casa, semana em antes de se casar?!... (ibidem, p. 362).

No entanto, depois de ter a sua fama marcada por todos esses acontecimentos, Augusto Matraga passa a ter mudanças significativas no seu comportamento depois de um suposto acontecimento, a sua esposa ter ido embora levando consigo a filha. E, este, com o orgulho abalado tenta buscá-la e é surpreendido pelos capangas do senhor Consilva, atual companheiro de sua ex-esposa, sendo jogado no barranco quase morto, resgatado a *posteriori* pelo casal de pretos. Sendo exatamente esse fator, junto ao sofrimento das dores espalhadas por todo o corpo, que faz o personagem refletir sobre sua condição humana, sua hora e sua vez, como antes nunca havia feito, Rosa (1999, p.355 – 357):

Esfriou o tempo, antes do anoitecer. As dores melhoraram. E, aí, Nhô Augusto se lembrou da mulher e da filha. Sem raiva, sem sofrimento, mesmo, só com uma falta de ar enorme sufocando. Respirava aos arrancos, e teve até medo, porque não podia ter tento nessa desordem toda, e era como se o corpo não fosse mais seu. Até pôde chorar, e chorou muito, um choro solto, sem vergonha nenhuma, de menino ao abandono. E, sem saber e sem poder, chamou alto soluçando: \_\_ Mãe...Mãe...

[...] para ele, féria feita, a vida já acabara, e só esperava era a salvação da sua alma e a misericórdia de Deus Nosso Senhor. Nunca mais seria gente! O corpo estava estragado, por dentro, e mais ainda a idéia. E tomara um tão grande horror às suas maldades e aos seus malfeitos passados, que podia se lembrar; e só mesmo rezando.

Nesse momento, percebe-se que o “lado humano” de Augusto entra em ação e ele passa a refletir sobre o que havia feito nessa sua então existência humana, e é tomado por um lapso de consciência. No qual se observa que o sertanejo transcende a sua realidade e se vê

ante aos questionamentos universais, no que concerne a possível punição pelos atos, a remissão dos pecados, a recorrência à entidade maior (Deus), a sensação de medo da morte ao passo que também passa a vê-la como uma “porta” para a libertação do sofrimento, passando pelo que se pode chamar de dialética existencial.

Na visão de Hegel (1997), entende-se por dialética não a forma simplista de negação sintética como resultado entre tese e antítese, mas um sistema que traz em si elementos opostos que se antagonizam em caráter perene, dando lugar a novos eventos derivados que contradizem tanto a proposição, quanto a sua negação, sem deixar de encará-los, e, ainda, sem deixar de negá-los num *continuum* e indissociável exercício de proposição/negação.

No caso do personagem em análise, essa dialética se desenvolve e se faz perceptível a partir das oscilações existentes na dualidade do bem x mal, que se mostra a partir da reflexão e da “mudança” em determinados comportamentos. No entanto, esta última não chega a ser verificável em instâncias verdadeiramente observáveis, devido à recorrência constante da memória a fatos passados e o pensar na retomada de algumas atitudes, como pode ser verificado a seguir:

Nhô Augusto bateu a mão na winchester, do jeito com que um gato poria a pata num passarinho. Alisou coronha e cano. E os seus dedos tremiam, porque essa tava sendo a maior das tentações. Fazer parte do grupo do seu Joãozinho Bem-Bem! Mas os lábios se moviam- talvez ele estivesse proferindo entre os dentes o creio-em-deus-padre\_ e, por fim, negou com a cabeça, muitas vezes [...] (ROSA, 1999, p.381)

Como se a recorrência àquela atitude tivesse o poder de prendê-lo, fazê-lo cair no erro outra vez, fosse capaz de compreender seu arrependimento, banir sua liberdade de existência “sem maldade”. Kierkegaard (1943) vê a existência como uma experiência singular, a descoberta radical do fato de existir. Na visão do autor, a dimensão ética é a dimensão da própria liberdade que é percebida como uma consciência individual delineada pelo desespero, uma das características mais marcantes do ser humano diante da precariedade da vida e da escolha de si mesmo.

O homem se constrói, se faz e refaz em sua existência, ou seja, é em suas vivências cotidianas que ele pode “definir-se”. Em outras palavras, diz-se que é a vida, ou o transcorrer desta e das experiências, que indicam ao homem o que ele é e, ou que ele não é e pode vir a ser. O vir a ser é aspecto fundamental da teoria existencial humanista (visão Heideggeriana). Neste sentido, quanto ao termo humanista, pode-se dizer que o homem tem o poder de usar a si mesmo como artifício de construção e/ou destruição, uma vez que este é o “autor” do seu

projeto de vida, e, Ser um indivíduo que carrega tal responsabilidade pressupõe à existência de um pré-requisito fundamental: a liberdade.

Nessa perspectiva, o indivíduo é constantemente convidado a experimentar o sentimento de angústia e esta experiência encontra-se fundamentalmente ligada à sua própria identidade. Sendo justamente a partir desta “suposta angústia” que “[...] o indivíduo experimenta a ambiguidade que se revela no movimento dialético entre o saber e a ignorância, necessidade e possibilidade, *hybris* (desmesura) e responsabilidade, consciência e inconsciência (DANTAS, 2007, p.03). Esse fato se faz verificar no conto no momento em que:

[...] Nhô Augusto se ajoelhou no meio da estrada, abriu os braços em cruz, e jurou: -  
\_\_\_ Eu vou p’ra o céu, e vou mesmo, por bem ou por mal!... E a minha vez há de chegar... P’ra o céu eu vou, nem que seja a porrete!... (ROSA, 1999, p.357)  
[...] Augusto Matraga fechou um pouco os olhos, com sorriso intenso nos lábios lambusados de sangue, e de seu rosto subia um sagaz contentamento. Daí, mais, olhou, procurando João Lomba e disse, agora sussurrado, sumido:\_\_\_ Põe a bênção na minha filha... seja lá onde for que ela esteja... E, Dionóra... Fala com a Dionóra que está tudo em ordem! Depois, morreu (ROSA, 1999, p.386).

Logo, a partir desse fragmento, percebe-se que houve a consumação da hora e vez de Augusto Matraga, a morte, que por ventura, mesmo nos últimos instantes aparece como um “jogo dual”. Jogo esse se configura na polissemia presente no acontecimento da morte, o qual dissemina dois possíveis vieses de percepção do acontecimento: fim de uma trajetória de requintes de crueldade, punição (morrer da mesma que costumava matar) ou como a redenção de seus pecados, simbolizada pelo encerramento de sua vida.

### **3 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O conto analisado exemplifica a comunhão de tendências - regionais e universais, especialmente pelo uso de personagens simples, ambientadas no sertão nordestino, porém com densidade psicológica de grande riqueza.

Através da figura de Augusto Matraga, Guimarães Rosa faz com que o particular va ao encontro da realidade sertaneja colocada em contraponto com a metafísica e os questionamentos universais do homem enquanto ser no mundo.

Ao assim proceder, o autor supera o desafio das tendências literárias de trabalhar os aspectos do universalismo e do regionalismo como antagônicos e inconciliáveis.

### **4 REFERÊNCIAS**

CANDIDO, Antonio. **A literatura e a Formação do Homem**. Ciência e Cultura, v.24, p.803-809, 1972.

COUTINHO, Afrânio. **Introdução à Literatura no Brasil**. 18ª Ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

\_\_\_\_\_. **Notas de Teoria Literária**. 1ª ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2008.

CHIAPPINI, Ligia. Do beco ao belo: dez teses sobre o regionalismo literário. **Estudos históricos**, Rio de Janeiro, vol. 8, n. 15, 1995, p. 153 – 159. Disponível em: <<http://www.cpdoc.fgv.br/revista/arq/170.pdf>> Acesso em: 28 de dezembro de 2011.

CRITELLI, Dulce Mára. **Analítica do Sentido: uma aproximação e interpretação do real de orientação fenomenológica**. São Paulo: Brasiliense, 2006.

DANTAS, Marília Antunes. **Subjetividade Moderna: Tragicidade e Aungústia segundo Kierkegaard e Freud**. Disponível em: [www.psicologia.pt/artigos/textos/A035](http://www.psicologia.pt/artigos/textos/A035).

Acesso em 30/11/2011

GONÇALVES, Bela Cândida de Azevedo Pereira. **Regionalismo/Universalismo em Bento da Cruz**. Disponível em: [repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/20353/2/000087658.pdf](http://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/20353/2/000087658.pdf). Acesso em 11/09/2011

KIERKEGAARD, S. **Ou Bien...Ou Bien**. Paris. Gallimard, 1943

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da Percepção**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

PICCHIO, Luciana Stegagno. **História da Literatura Brasileira**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1997.

ROSA, João Guimarães. **Sagarana**. 31ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

SILVA, José Ricardo da. **A Oralidade em Sagarana**, de Guimarães Rosa. 2008. 33f.

Monografia (Graduação em Letras)- Curso de Letras, Universidade Estadual Vale do Acaraú-UVA, Sobral, 2008.

VICENTINI, Albertina. **Regionalismo literário e sentidos do sertão**. SOCIEDADE E CULTURA, vol. 10, num. 002, julho-dezembro, 2007, pp. 187-196.